

# Merleau-Ponty nos arquivos Husserl: uma entrevista com Emmanuel de Saint Aubert

**Silvana de Souza Ramos**

USP

**Iracy Ferreira dos Santos Junior**

USP

Tradução

Iracy Ferreira dos Santos Junior

Luís César Oliva

Silvana de Souza Ramos

**Resumo:** A entrevista concedida por Emmanuel de Saint Aubert a Silvana de Souza Ramos e a Iracy Ferreira dos Santos Junior aborda a história e o papel dos Arquivos Husserl de Paris para o fomento da pesquisa multidisciplinar em fenomenologia. O pensador esclarece qual foi o contato de Merleau-Ponty com os manuscritos de Husserl, e que tipo de leitura, situada e complicada, ele realizou não apenas desses manuscritos, mas da obra de Husserl como um todo. Esse aspecto é particularmente importante para os estudos de filosofia francesa contemporânea porque Merleau-Ponty foi um dos grandes

**Abstract:** Silvana de Souza Ramos and Iracy Ferreira dos Santos Junior's interview with Emmanuel de Saint Aubert explores the history and role of the Husserl Archives (Paris) in fostering multidisciplinary research in phenomenology. Saint Aubert clarifies Merleau-Ponty's engagement with Husserl's manuscripts, describing the situated and complex reading he undertook not only of these manuscripts but also of Husserl's work as a whole. This aspect is particularly significant for contemporary French philosophical studies, as Merleau-Ponty played a pivotal role in introducing Husserl's ideas into French

responsáveis pela introdução de Husserl no pensamento francês. Tal esclarecimento permite mostrar a originalidade da filosofia de Merleau-Ponty, pois revela que o autor não era um exegeta de Husserl, mas um pesquisador inquieto e multifacetado, engajado nos debates intelectuais e políticos de sua época. Se ele não pode ser reduzido à figura de um mero leitor de Husserl, tampouco sua ontologia tardia pode ser resumida à influência de Heidegger. Debruçado sobre os manuscritos deixados inacabados por Merleau-Ponty em função de sua morte prematura, os quais eram um esboço de um novo livro, Saint Aubert realizou um minucioso trabalho de pesquisa dos usos que Merleau-Ponty faz de termos centrais de sua ontologia – *chair*, *Leib*, *empiètement*, *chiasmi* – mostrando que eles não traduzem ou expressam literalmente conceitos provenientes de Husserl ou de Heidegger, pelo contrário, esses termos ganham uma gama de sentido multifacetada nos escritos de Merleau-Ponty, alimentando-se de suas leituras e meditações filosóficas, mas também de sua cultura científica e literária, e de suas preocupações éticas e políticas. A pesquisa de Saint Aubert, dedicada à interpretação dos chamados “inéditos” de Merleau-Ponty, resultou na publicação de cinco livros, pelas edições Vrin, todos eles guiados por uma leitura genética transversal da obra thought. This clarification allows us to show the originality of Merleau-Ponty’s philosophy, as it reveals that he was not merely an exegete of Husserl, but a restless and multifaceted thinker, deeply involved in the intellectual and political debates of his time. If he cannot be reduced to a mere reader of Husserl, neither can his later ontology be simply attributed to Heidegger’s influence. Once engaged in a meticulous study of the unfinished manuscripts that Merleau-Ponty left behind due to his premature death, which were drafts for a new book, Saint Aubert conducted a thorough investigation of Merleau-Ponty’s use of key terms in his ontology – *chair*, *Leib*, *empiètement*, *chiasmi* – showing that these terms do not literally translate or express concepts derived from Husserl or Heidegger. On the contrary, these terms acquire a multifaceted range of meanings in Merleau-Ponty’s writings, nourished by his philosophical readings and meditations, by his scientific and literary refinement, as well as his ethical and political concerns. Saint Aubert’s research, dedicated to the interpretation of Merleau-Ponty’s so-called “unpublished” works, resulted in the publication of five books by Vrin, all guided by a transversal genetic reading of Merleau-Ponty’s work. Additionally, with the help of other researchers, Saint Aubert carefully edited and published

merleau-pontiana. Além disso, Saint Aubert, com a ajuda de outros pesquisadores e pesquisadoras, publicou, com apurado cuidado editorial, vários volumes com os manuscritos de Merleau-Ponty. Esse material, disponível de modo organizado e situado, é de uma riqueza incomparável, e permite dimensionar de modo mais preciso o papel de Merleau-Ponty no pensamento contemporâneo, além de iluminar o sentido de seu projeto ontológico.

**Palavras-chave:** Emmanuel de Saint Aubert; Maurice Merleau-Ponty; arquivo; fenomenologia francesa; ontologia.

several volumes of Merleau-Ponty's manuscripts. This material, made available in an organized and contextualized manner, is of incomparable richness, allowing for a more precise understanding of Merleau-Ponty's role in contemporary thought, while also illuminating the meaning of his ontological project.

**Keywords:** Emmanuel de Saint Aubert; Maurice Merleau-Ponty; archives; French phenomenology; ontology.

*1) Caro Emmanuel de Saint Aubert, o senhor poderia primeiro contar brevemente a história dos Arquivos Husserl de Paris, sua criação, por quem e quando, em qual contexto, e qual relação o senhor tem com essa instituição?*

Os Arquivos Husserl de Paris foram a princípio, a partir de maio de 1958, um acervo documental vinculado à Biblioteca da Sorbonne e colocado sob a tutela de seu Curador-chefe, Jean Calmette. A direção científica era inicialmente assegurada por Gaston Berger; Merleau-Ponty fazia parte do comitê de direção. Paul Ricœur logo se tornou diretor dali, transformando esse acervo de arquivos em Centro de pesquisas em 1967 (URA 106), e assumiu sua direção até 1980, data em que se aposentou. Em 1983, o Centro de Fenomenologia (reintitulado: "Ontologia, Fenomenologia, Filosofia da existência") e os Arquivos, então implantados no Centro de História das ciências e das doutrinas, foram colocados sob a responsabilidade de Henri Birault. Em janeiro de 1986, por iniciativa de Jean-François Courtine e Didier Franck, o Centro de Pesquisas Fenomenológicas Arquivos Husserl de Paris foi refundado como unidade do Centre national de la recherche scientifique (CNRS) e instalado na École Normale Supérieure (ENS), local simbólico da tradição fenomenológica

francesa. J-F. Courtine foi então diretor de 1987 a 2009, antes de dar lugar a Jocelyn Benoist e, posteriormente, a Dominique Pradelle. Hoje, inseridos em uma unidade mista de pesquisa (UMR 8547, Pays Germaniques, CNRS – ENS), os Arquivos Husserl de Paris são há muito tempo o centro de pesquisa fenomenológica mais importante da França e se beneficiam de uma forte difusão internacional. Essa instituição continua sendo o local de depósito das transcrições de uma grande parte dos manuscritos de Husserl, no âmbito de uma rede de arquivos supervisionada pelos Arquivos Husserl de Louvain. No entanto, os pesquisadores que compõem esse centro de pesquisa estão longe de ser todos especialistas em Husserl: toda a gama de correntes fenomenológicas está representada, incluindo o que precedeu a fenomenologia (a proto-fenomenologia de Bolzano e Brentano) e o que dela se segue (a fenomenologia e a pós-fenomenologia francesas – Sartre, Merleau-Ponty, assim como Levinas, Ricœur e Derrida).

Os Arquivos de Paris têm uma missão tripla: conhecer, divulgar e manter viva a tradição fenomenológica. Faço parte dessa instituição desde 2002, como pesquisador e depois como diretor de pesquisa. Grande parte de minha pesquisa anterior se concentrou na fenomenologia de Merleau-Ponty. Meus trabalhos foram pioneiros ao propor uma leitura genética transversal da obra do filósofo à luz de um conhecimento abrangente de seus inéditos<sup>1</sup>. Através e além dessa perspectiva genética, eles apresentam uma dupla ênfase metodológica: a preocupação com a contextualização que situa a obra de Merleau-Ponty no contexto das décadas de 1930 a 1960 (filosofia francesa, fenomenologia, psicologia e psicanálise, ciência contemporânea); e a confrontação, que repõe as posições de Merleau-Ponty em seu quadro inicial da discussão, mas também trabalha em seus desdobramentos e atualidade, colocando-as à prova dos avanços mais recentes nos campos filosóficos, clínicos e científicos. Essas pesquisas têm um impacto direto não apenas na recepção internacional de Merleau-Ponty, mas também no notável alcance multidisciplinar de seu pensamento: filosofia, psicanálise, psiquiatria fenomenológica, ciências cognitivas, ecologia, *women's studies*, sem esquecer a estética, a literatura ou as artes do espetáculo. Meus trabalhos contribuem assim para a orientação fundamental dos Arquivos Husserl de Paris: considerar o movimento fenomenológico em sua inscrição histórica e seu

---

<sup>1</sup> Eles implicam notadamente uma renovação profunda da interpretação das relações de Merleau-Ponty com a filosofia (Bachelard, Bergson, Blondel, Brunschvicg, Descartes, Heidegger, Husserl, Leibniz, Maine de Biran, Marcel, Pascal, Ruyer, Sartre, Scheler...), a neurologia (Lhermitte, Head, Schilder, Ajuriaguerra, Hécaen), a psicologia do desenvolvimento (Piaget, Wallon), a psicanálise (Freud, Klein, Lacan, Dolto, Lagache...), e a literatura (Breton, Claudel, Ponge, Simon, Stendhal, Valéry).

entrelaçamento genético com outras correntes de pensamento, baseando-se em um conhecimento rigoroso dos textos ao mesmo tempo que desenvolvem questionamentos conceituais que envolvem a fenomenologia em diversos debates contemporâneos, para os quais ela constitui um recurso vivo capaz de renová-los.

*2) Os manuscritos de Husserl foram depositados na École Normale Supérieure de Paris e confiados pelo Padre Van Breda a Tran Duc Thao e a Merleau-Ponty em 1944. Esses manuscritos de Husserl, analisados por Merleau-Ponty, circulavam à época? Como Merleau-Ponty tomou conhecimento deles e qual relação mantinha com esses textos?*

Abordamos aqui o que Jean-François Courtine denomina “proto-fundação dos Arquivos Husserl de Paris”. Esta história, muito complexa para ser detalhada nessa entrevista, é bem conhecida desde a publicação de um célebre artigo de Van Breda, após a morte de Merleau-Ponty<sup>2</sup>. Trata-se do comprometimento de três jovens (principalmente Merleau-Ponty e Tran Duc Thao, e em menor medida Cavailles) para ajudar a salvar a obra inédita de Husserl das mãos dos nazistas e introduzir seu pensamento na França. Essa história possui dimensões políticas diversas e, em vários aspectos, corresponde a um ato de resistência. Mas, no geral, trata-se de um fracasso, de alguns aspectos bastante amargo. Por causa das restrições impostas pela guerra, mas também por causa da desconfiança de vários acadêmicos franceses que estavam no cargo, especialmente Émile Bréhier – o que torna esse episódio pouco glorioso para a universidade francesa.

O projeto inicial era que uma cópia dos manuscritos de Husserl fosse depositada na École Normale Supérieure. Mas a realidade foi bem diferente. Depois de alguns episódios um tanto romanescos, como o transporte para Paris por Tran Duc Thao de 3000 mil páginas de transcrições em fevereiro de 1944, que foram imediatamente recusadas por René Le Senne e devolvidas a Louvain, um conjunto de manuscritos foi pessoalmente confiado a Tran Duc Thao a título privado a partir de 1944. A maioria deles foi levada de volta a Louvain por Van Breda em dezembro de 1946, e os últimos

---

<sup>2</sup> H. L. Van Breda, « Maurice Merleau-Ponty et les Archives-Husserl à Louvain », *Revue de métaphysique et de morale*, n° 4, 1962, pp. 410-430. Cf. também J.-F. Courtine, « La proto-fondation des Archives Husserl de Paris », in É. Escoubas et M. Richir (dir.), *Husserl*, Grenoble, J. Millon, 1989, Dossier « État et historique des Archives Husserl » ; J.-F. Courtine, « Tran Duc Thao et la protofondation des archives Husserl de Paris », in J. Benoist et M. Espagne (dir.), *L'itinéraire de Trần Đức Thảo*, Paris, Armand Colin, 2013, pp. 13-24 ; « Aux origines de la phénoménologie française. La correspondance entre Paris et Louvain autour des Archives-Husserl (1939-1946) », introdução e notas de Alexandre Feron, *Alter*, n° 29, 2021, pp. 191-263, <http://journals.openedition.org/alter/2357>.

no final de 1948. Esses manuscritos provavelmente circularam muito pouco. Merleau-Ponty certamente consultou esse conjunto de manuscritos, mas, como destacou Van Breda, é difícil de identificar precisamente o que ele leu. Durante o verão de 1943, Merleau-Ponty também consultou em Marselha e Aix-en-Provence uma cópia da *Sexta Meditação* que estava em posse de Gaston Berger, manifestamente sem perceber de todo que não se tratava de um inédito de Husserl, mas de um texto de Fink, que na verdade apresentava uma densa crítica ao pensamento husserliano. A bibliografia da *Fenomenologia da Percepção* menciona três inéditos<sup>3</sup> que são particularmente importantes para Merleau-Ponty, mas trata-se de transcrições feitas por Landgrebe e Fink que Merleau-Ponty consultou durante os 5 ou 6 dias que passou em Louvain, no início de abril de 1939. Muito se fantasiou sobre essa relação com os inéditos de Husserl, mas a realidade foi provavelmente mais humilde, em parte devido ao obstáculo da língua – naquela época, como o próprio Van Breda pôde constatar, Merleau-Ponty ainda não dominava bem o alemão.

*3) Merleau-Ponty viveu muito tempo em contato com esses textos. Pode-se afirmar que o estudo desse material, no qual o pensamento husserliano se mostra aberto, foi decisivo para o tipo de fenomenologia que Merleau-Ponty finalmente desenvolveu? Você poderia falar da pertinência desse contato para a constituição da fenomenologia de Merleau-Ponty?*

É difícil responder a essas questões em poucas palavras. Pensar que Merleau-Ponty “viveu muito tempo em contato com esses textos” é uma representação antiga, típica do imaginário que tínhamos antes de nos debruçarmos mais seriamente sobre o detalhe de sua relação com Husserl. A frequência de alguns textos de Husserl realmente desempenhou um papel importante para Merleau-Ponty, por diferentes razões e de diversas maneiras. No contexto filosófico francês, sufocado pelo idealismo de Léon Brunschvicg, a fenomenologia trouxe um sopro de ar fresco. No contexto mais específico do projeto intelectual do jovem Merleau-Ponty, aquele de “sair do idealismo sem cair na ingenuidade do realismo”<sup>4</sup>, a frequência de certos textos de

<sup>3</sup> « *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*, II (inédit). *Umsturz der kopernikanischen Lehre : die Erde als Ur-Arche bewegt sich nicht* (inédit). *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, II et III (inédit). » (*Phénoménologie de la perception*, Paris, Gallimard, 1945, p. 523).

<sup>4</sup> “A *Fenomenologia da percepção* tenta responder a uma questão que me coloquei dez anos atrás e que, acredito, todos os filósofos de minha geração também se colocaram: como sair do idealismo sem recair na ingenuidade

Husserl, nos quais seu pensamento, como você diz, “se mostra aberto”, era valiosa. Husserl, evidentemente, proporcionava um rigor propriamente filosófico que faltava às poucas aberturas recebidas de Gabriel Marcel, ou ainda aos aportes da psicologia da forma. No entanto, o projeto de “sair do idealismo” já indica que, por si só, a relação de Merleau-Ponty com Husserl é inevitavelmente complicada.

Merleau-Ponty fez muito para introduzir o pensamento e a obra de Husserl na França, e não apenas nos anos quarenta – em 1960, ele ainda tentava relançar o projeto de uma tradução francesa de *Krisis*. Contudo, ele também fez muito para introduzir outros autores e correntes – Claude Lévi-Strauss, Claude Simon (para o reconhecimento dos quais Merleau-Ponty foi decisivo), bem como Melanie Klein, Pierre Teilhard de Chardin, os psicólogos dos “métodos projetivos”, etc. Ele se envolveu profundamente, através de seus cursos, sua participação ativa em comitês, projetos de edição... A importância e a diversidade dessa participação na vida intelectual de seu tempo ainda são pouco conhecidas hoje. Isso é lamentável, pois contribui para uma ilusão de ótica da qual somos frequentemente vítimas. Uma ilusão ligada à nossa cultura de fenomenólogos acadêmicos, um tanto enclausurados em nossas relações e querelas paroquiais – enquanto a cultura e a vida intelectual de Merleau-Ponty eram muito mais amplas que isso. Essa ilusão de ótica é também a da geração de nossos predecessores, muitos dos quais na França descobriram a fenomenologia – e, portanto, Husserl – lendo Merleau-Ponty<sup>5</sup>. Isso resultou em uma compreensão de Husserl em parte marcada pelas deformações realizadas por Merleau-Ponty. Daí um círculo hermenêutico que se cristalizou no mito de um Merleau-Ponty adivinho do *Nachlaß* husserliano. Ora, o Husserl de Merleau-Ponty é,

---

do realismo?” (Merleau-Ponty, « Le mouvement philosophique moderne. Un entretien avec Maurice Merleau-Ponty », entrevista realizada por Maurice Fleurent, in *Carrefour*, n° 92, 23 de maio de 1946, p. 6 ; retomada em *Parcours 1935-1951*, Lagrasse, Verdier, 1997, p. 66).

<sup>5</sup> “É verdade que, para muitos entre nós, é difícil dizer o que devemos a Merleau-Ponty: nossa leitura de Husserl, Sartre e até mesmo Heidegger e Derrida foi influenciada por ele. Mas também não é menos verdade que, para muitos de nós, e para a comunidade filosófica como um todo, a memória “do que ele próprio quis e diz” se desvaneceu muito rapidamente. A melhor homenagem que nossa geração pode prestar a esse pensador que marcou de uma maneira tão decisiva nossos primeiros passos no pensamento filosófico, é reler seus escritos. Tal abordagem não é recompensada apenas por uma melhor compreensão do que *nós* devemos a Merleau-Ponty, mas também do que a fenomenologia como um todo, e até mesmo em seu questionamento mais contemporâneo, recebeu e ainda pode receber dele.” (Rudolf Bernet, « Le sujet dans la nature. Réflexions sur la phénoménologie de la perception chez Merleau-Ponty », in *Merleau-Ponty, phénoménologie et expériences*, textos reunidos por Marc Richir e Étienne Tassin, Grenoble, Millon, 1992, pp. 57-58 ; retomado com o título « Perception et vie naturelle (Husserl et Merleau-Ponty) », in *La vie du sujet. Recherches sur l'interprétation de Husserl dans la phénoménologie*, Paris, P.U.F., 1994, pp. 163-164).

na verdade, o seu próprio... As gerações atuais de husserlianos entenderam isso, e há muito tempo já saíram desse círculo.

A relação de Merleau-Ponty com Husserl, como toda verdadeira relação, é *situada*. Em outras palavras, ela não é absoluta<sup>6</sup>. Antes mesmo de entrar em contato com a fenomenologia, Merleau-Ponty já tinha relação com a tradição idealista francesa – Descartes e Kant relidos e transmitidos por Léon Brunschvicg –, com diferentes filósofos franceses – especialmente Bergson e Gabriel Marcel –, mas também com a psicologia do desenvolvimento e, mais ainda, a psicologia da forma. Antes mesmo de trabalhar o pensamento de Husserl, Merleau-Ponty se debruçou sobre a fenomenologia de Max Scheler. Não se trata apenas de uma questão histórica, muito menos de fatos cronológicos: ela fala dos fundamentos de seu projeto intelectual e orienta sua relação com Husserl de ponta a ponta. Uma relação sempre mais indireta do que se poderia imaginar, dificultada, senão obscurecida, por seu diálogo com outros autores – constantemente com Descartes e Sartre, e mais tarde com Aron Gurwitsch e as críticas severas que este dirigiu a Merleau-Ponty na *Teoria do campo da consciência*<sup>7</sup>. Uma relação também complicada por seus empréstimos de diversas correntes psicológicas – por exemplo na sua famosa recepção do “tocante-tocado”, relida à luz de um “vidente-visto” que Husserl recusava explicitamente, e que Merleau-Ponty compreende à luz dos trabalhos sobre o espelho de Henri Wallon e Jacques Lacan, ou ainda de Wolfgang Metzger et Paul Schilder.

Sua leitura de Husserl nutre um percurso pessoal que começa próximo à fonte e segue seu próprio caminho. Merleau-Ponty se inspira na leitura de Husserl em uma confrontação mais ou menos rigorosa com certas passagens, mais frequentemente ainda com algumas expressões isoladas que ele retoma por conta própria, deixando de lado seu contexto propriamente husserliano. Compreendo por que muitos especialistas de Husserl consideram que a leitura que Merleau-Ponty faz carece de rigor<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Em filosofia, muitos são aqueles que, paradoxalmente (pois essa atitude está nos antípodas de uma verdadeira postura filosófica), são mais ou menos idólatras de tal ou tal autor. Nos verdadeiros filósofos, isso nunca ocorre. Em Merleau-Ponty, menos ainda.

<sup>7</sup> Paris, Desclée de Brouwer, 1957.

<sup>8</sup> Essa crítica, aliás, surgiu muito cedo. Citei apenas um exemplo pouco conhecido: “Acabo de ler seu belo livro sobre a *Fenomenologia da percepção*. (...). Só posso parabenizá-lo pelo seu trabalho, embora não concorde com sua interpretação de Husserl. Parece-me que ela sofreu demasiadamente a influência da *Sexta Meditação*, que é um texto de Fink, e não de Husserl. Esse texto, assim como o artigo de Fink nos *Kantstudien*, é, no fundo, uma crítica das próprias bases do pensamento de Husserl, embora o autor tenha escondido sua oposição e o próprio Husserl, na sua ingenuidade esplêndida, não tenha percebido bem – pelo menos no que diz respeito ao artigo dos *Kantstudien*. Há muitos pontos dessa crítica que considero absolutamente

Contudo, Merleau-Ponty não é e nunca pretendeu ser um exegeta. Ele é filósofo, mais do que um professor de filosofia, e ele mesmo confessará mais tarde gostar de “sonhar” em torno de certas passagens ou fórmulas dos outros pensadores. Merleau-Ponty não é também um tradutor. Ele toma emprestado dos autores não franceses diversas expressões (especialmente em alemão e inglês) que raramente traduz. Simetricamente, os termos franceses que ele privilegia são raramente traduções – quando é o caso, ele diz explicitamente. Todavia, muitos de nós acreditamos que tal ou tal conceito maior, em Merleau-Ponty, seja a tradução ou retranscrição de um termo emprestado de Husserl ou Heidegger. Quando comecei minha tese, eu pensava espontaneamente que o famoso “*empiètement*” fosse a tradução de um termo husserliano. Nesse caso, como em muitos outros, descobri aos poucos que Merleau-Ponty não procede dessa forma. Ele escolhe um termo na sua língua materna, estando particularmente atento às suas ressonâncias imaginárias, à sua herança cultural, sobretudo literária, e depois gosta de encontrar análogos em outros autores (filósofos ou não, franceses ou não).

Quando eu era estudante, assisti a uma conferência de Marc Richir sobre o conceito de *carne* em Merleau-Ponty, na qual Richir dizia sistematicamente “*Leib*”, como se fosse óbvio que “carne” (em Merleau-Ponty) e “*Leib*” (em Husserl) fossem perfeitamente equivalentes. Um tal pressuposto parecia-me merecer uma investigação mais aprofundada, e compartilhei isso com Richir, que me incentivou fortemente a estudar essa questão. Descobri então que Merleau-Ponty não emprega esses dois termos indiferentemente, raramente traduz “*Leib*”, e nunca por “carne”<sup>9</sup>. Isso não é um detalhe insignificante. E isso, evidentemente, não diminui a relevância de uma confrontação retrospectiva entre os dois conceitos. Para Merleau-Ponty, a carne não tinha até então “nome em nenhuma filosofia”<sup>10</sup>; é para ele uma “noção última”, “pensável por si-

---

pertinentes; mas, para a interpretação d[os] textos do mestre, os dois trabalhos de Fink só podem ser usados com muita cautela. Parece-me que esses escritos não são adequados para servir de introdução ao pensamento de Husserl. Do ponto de vista da interpretação autêntica desse pensamento, estou convencido de que você se engana em vários aspectos. Você sabe que eu não sou, de forma alguma, um ortodoxo, mas talvez eu esteja bem posicionado para julgar a exatidão do que se atribui ao próprio Husserl”. (Carta de H. L. Van Breda a M. Merleau-Ponty, segunda-feira, 17 de dezembro de 1945, in « Aux origines de la phénoménologie française. La correspondance entre Paris et Louvain autour des Archives-Husserl (1939-1946) », art. cit.).

<sup>9</sup> Simetricamente, em mais de 500 ocorrências de « carne » no corpus merleau-pontiano, os cursos sobre Husserl contêm apenas três menções do termo, todas empregadas na expressão “carne e osso”, tradução usual de *Leibhaftigkeit*.

<sup>10</sup> *Le visible et l'invisible*, Paris, Gallimard, 1964, p. 193. “Não há nome na filosofia tradicional para designar isso”. (*op. cit.*, p. 183).

mesma”<sup>11</sup>, que a filosofia jamais teria conseguido pensar, como se estivesse nativamente prisioneira de uma ignorância ativa que sempre remete a carne a outra coisa que não ela mesma. Merleau-Ponty nunca considerou a carne como um conceito emprestado de outrem. Ele não a entende apenas a partir de Husserl, nem em um horizonte puramente husserliano<sup>12</sup>. Sua relação com Husserl é aqui duplicada e até mesmo enquadrada por seu diálogo com Descartes e com Sartre, e por uma reflexão ininterrupta sobre o corpo nutrida por contribuições não fenomenológicas – diversas correntes psicológicas, neurologia moderna, sem esquecer a cultura literária de Merleau-Ponty, que também marca fortemente sua concepção de carne.

Ao longo dos cinco livros que dediquei a Merleau-Ponty, realizei uma investigação análoga sobre outras noções ou figuras (a intencionalidade, a doação em carne, a fé perceptiva, o *empiètement*, o acoplamento, o tocante-tocado...), para examinar a consistência do que foi tomado de empréstimo de Husserl. A cada vez, é impressionante ver o quanto a relação com Husserl é complicada e até mesmo precedida por outras fontes, e, sobretudo, o quanto a conceitualização de Merleau-Ponty é pessoal e original. No final das contas, é impossível resumir a avaliação dessa relação em poucas palavras, especialmente porque é permeada por uma ambivalência que se intensifica com o passar do tempo. Merleau-Ponty frequentemente dá a entender que prefere Husserl a Heidegger ou a Scheler, principalmente por razões de rigor intelectual. Isso não o impede de se mostrar crítico, e de forma cada vez mais severa nos últimos manuscritos, a ponto de evocar uma rejeição enorme, mas em excessos onde se escondem, ainda e sempre, as sombras de outros filósofos – notadamente a de Gurwitsch.

*4) No que concerne aos arquivos de Merleau-Ponty depositados na Biblioteca nacional da França (BnF), como você teve acesso a este material? Como foi a decisão de publicá-lo? Qual é a relevância desses textos para a compreensão do pensamento de Merleau-Ponty no seu conjunto?*

Estas são três perguntas bem distintas uma das outras: permita-me então separá-las.

*a) Como eu tive acesso a este material?*

Eu descobri Merleau-Ponty relativamente tarde em meus estudos, enquanto me preparava para o concurso de agregação de filosofia, antes de meu primeiro trabalho

<sup>11</sup> *Op. cit.*, p. 185.

<sup>12</sup> Para uma análise detalhada das relações entre « *Leib* » et « *chair* » em Merleau-Ponty, cf. meu livro *Du lien des êtres aux éléments de l'être. Merleau-Ponty au tournant des années 1945-1951*, Paris, Vrin, 2004, pp. 148-158.

de pesquisa (minha [dissertação] de DEA, ou seja, o que hoje chamamos de Mestrado 2 [Master 2]) dedicado ao *Visível e ao invisível*, sob a direção de Claude Imbert, que – descobri isso bem depois – contribuiu para a difusão de Merleau-Ponty no Brasil. Quando quis começar uma tese sobre Merleau-Ponty em 1994, logo encontrei um outro filósofo que também contribuiu significativamente para essa mesma difusão: Renaud Barbaras. Ele me informou sobre a existência do acervo inédito depositado em 1992 na BnF e deixou claro que uma tese sobre Merleau-Ponty deveria, a partir de então, considerar este acervo. Foi, portanto, graças a ele e com seu apoio que tive acesso aos inéditos. Seguiram-se a descoberta desse vasto conjunto composto por cerca de 4000 folhas e depois dois anos parcialmente dedicados a um extenso e paciente trabalho de transcrição. Logo também tive acesso a outros manuscritos guardados na residência de Merleau-Ponty, assim como à biblioteca do filósofo, e pude trabalhar no seu escritório.

*b) Como foi tomada a decisão de publicar certos inéditos?*

Essa decisão foi inicialmente tomada por Claude Lefort, nos anos que se seguiram imediatamente à morte de Merleau-Ponty. Com publicações importantes como *O visível e o invisível* (1964) e *A prosa do mundo* (1969)<sup>13</sup>. Lefort iniciou, assim, um trabalho crucial e relevante. Crucial, porque basta ler *O visível e o invisível* para perceber que se trata de um documento filosófico de grande valor. Relevante, visto que Merleau-Ponty faleceu prematuramente, aos 53 anos, o que interrompeu abruptamente uma fase intelectual particularmente fecunda para ele, especialmente a preparação do que deveria ser sua obra filosófica principal, da qual *O visível e o invisível* revela apenas uma parte.

Mais precisamente, apenas uma parte: este ponto é decisivo. Ora, Lefort não apenas não enfatizou isso suficientemente, mas deu a entender que o resto – os inéditos não publicados –, cujo conteúdo ele não mencionava, era de pouca importância. De 1964 a 1992, ninguém tinha conhecimento das milhares de páginas deixadas de lado por Lefort. Uma vez publicado, *O visível e o invisível* foi lido como uma obra completa com um estatuto equivalente aos grandes livros de Merleau-Ponty,

---

<sup>13</sup> Um trabalho que Lefort também continuou (*Philosophie et non-philosophie depuis Hegel*, curso no Collège de France de 1961, em *Textures*, n° 8-9, 1974, pp. 83-129, e n° 10-11, 1975, pp. 145-173), e depois apoiou – cf. as edições, em 1996, das *Notes de cours 1959-1961* e, em 2003, de *L'institution. La passivité. Notes de cours au Collège de France (1954-1955)*.

negligenciando seu estatuto de edição póstuma<sup>14</sup>. Mais grave ainda, ignorando que se tratava de um conjunto parcial, mais introdutório, publicado como tal por razões certamente científicas, mas também editoriais – pois essas páginas estavam suficientemente redigidas, contrariamente ao restante do vasto projeto do qual foram extraídas. Essa ignorância induziu uma grave ilusão de ótica. Estávamos privados do projeto geral no qual essas páginas se inseriam, obra cujo título ainda era hesitante – uma hesitação, sobretudo, entre *O visível e o invisível* e *Ser e mundo*. Essa situação editorial truncada contribuiu significativamente para a ideia de uma ruptura entre o primeiros e os últimos escritos.

Era necessário, então, continuar o trabalho iniciado por Claude Lefort, estendendo-o para além dos inéditos, pois muitos artigos ou intervenções de Merleau-Ponty eram pouco acessíveis e caíram no esquecimento, o que também nos incapacitava de perceber a continuidade de seu pensamento. É preciso saudar o importante trabalho realizado por Jacques Prunair<sup>15</sup>, mais recentemente por Jérôme Melançon<sup>16</sup> e Michel Dalissier<sup>17</sup>. E não acabou: nem tudo está publicado, longe disso, os inéditos não estão todos na BnF, e ainda podemos esperar algumas surpresas. Entretanto, não se trata de publicar tudo. Isso quase não é possível: esses documentos nem sempre são admissíveis aos olhos de um editor. Alguns estão muito distantes dos padrões de redação exigidos para encontrar um público mínimo, sem o qual nenhuma edição é financeiramente rentável. Isso não diminui em nada sua importância para os pesquisadores. Outros são rascunhos de edições conhecidas – *As aventuras da dialética*, *O olho e o espírito*, o famoso prefácio de *Signos* etc. Aqui, mais uma vez, eles são interessantes para os pesquisadores devido às variantes de redação, das passagens riscadas etc., mas não podem reter a atenção dos editores.

De minha parte, meus cinco volumes publicados pelas edições Vrin citam numerosas passagens, às vezes longas, de inéditos muito diversos. Além disso, fiz questão de

---

<sup>14</sup> Quem se dá ao trabalho de consultar o manuscrito de *O visível e o invisível* percebe o quanto se trata de um documento complexo, com rasuras, ainda em processo de elaboração, cuja leitura oferece uma impressão totalmente diferente da aparência limpa e acabada apresentada pela edição de Lefort.

<sup>15</sup> Cf. sua reedição pela Verdier em 1996 do *Primat de la perception et ses conséquences philosophiques* (1946), precedido do *Projet de travail sur la nature de la Perception* (1933) e de *La Nature de la Perception* (1934), sua publicação na mesma editora, em 1997 e 2000, das duas coletâneas *Parcours 1935-1951* e *Parcours deux 1951-1961*, e, sempre na editora Verdier, em 2001, sua reedição de *Psychologie et pédagogie de l'enfant. Cours de Sorbonne 1949-1952*.

<sup>16</sup> *Entretiens avec Georges Charbonnier et autres dialogues, 1946-1959*, Lagrasse, Verdier, 2016.

<sup>17</sup> *Conférences en Europe et premiers cours à Lyon. Inédits I (1946-1947), Conférences en Amérique, notes de cours et autres textes. Inédits II (1947-1949)*, Sesto San Giovanni, Éditions Mimesis, 2022.

publicar as páginas da introdução do manuscrito *A natureza ou o mundo do silêncio*<sup>18</sup>, redigido no final de 1957 e mais tarde deslocado para o projeto *Ser e mundo*. Esse é o primeiro texto explicitamente *ontológico* de Merleau-Ponty. Não que ele nunca tenha mencionado até então o alcance ontológico de seu pensamento, ou nunca tenha falado do ser: Merleau-Ponty já o fazia, discretamente, há muito tempo<sup>19</sup>. Mas agora ele sente a necessidade de propor uma ontologia como tal e de colocá-la no fundamento. Com a preocupação de debater com Descartes, de se opor a Sartre e de responder às objeções daqueles que ele chama de “os heideggerianos”. Esse texto esclarecedor permite uma melhor compreensão da ontologia de Merleau-Ponty, que não é uma “ontologia da carne”. Também fiz questão de publicar, em colaboração com diversos colegas e amigos, as notas de preparação dos primeiros cursos no Collège de France<sup>20</sup>. Trata-se de um período crucial e de documentos essenciais – a começar por *O mundo sensível e o mundo da expressão* – que fazem a transição entre a fenomenologia da percepção dos primeiros anos e a ontologia tardia.

c) *Qual é a relevância desses textos para a compreensão do pensamento de Merleau-Ponty?*

Eu já comecei a justificar essa relevância. Muitas outras razões se somam às que acabo de apresentar. E minha resposta é basicamente do mesmo tamanho dos cinco livros que dediquei a Merleau-Ponty. É impossível ser exaustivo aqui, então destacarei alguns traços gerais. Desde já é essencial esclarecer um ponto crucial: eu não acredito que se possa isolar a relevância dos inéditos daquela das outras fontes. Em uma abordagem científica, o conjunto dessas fontes deve ser considerado, começando, é claro, pela obra publicada pelo próprio autor: os documentos publicados postumamente, os inéditos não publicados, os textos publicados durante a vida do autor, mas pouco conhecidos ou esquecidos, ou ainda suas intervenções radiofônicas (numerosas, no caso de Merleau-Ponty), sem esquecer os volumes de sua biblioteca (as marcas de leitura, anotações nas margens e, às vezes, folhas de notas deixadas nas obras). Essas fontes só são relevantes se tivermos um conhecimento suficientemente amplo delas, para poder relacioná-las entre si, respeitando o estatuto de cada uma. E mantendo, ao mesmo tempo, o seguinte objetivo: esclarecer a obra publicada pelo

---

<sup>18</sup> Em *Maurice Merleau-Ponty*, Paris, Hermann, 2008, pp. 44-53.

<sup>19</sup> Cf. *Du lien des êtres aux éléments de l'être*, *op. cit.*, seção B.

<sup>20</sup> Com Stefan Kristensen, *Le monde sensible et le monde de l'expression* (1953), Genève, MétisPresses, 2011 ; com Benedetta Zaccarello, *Recherches sur l'usage littéraire du langage* (1953), Genève, MétisPresses, 2013 ; com Lovisa Andén et Franck Robert, *Le problème de la parole* (1954), Genève, MétisPresses, 2020.

autor. Essa é a exigência que devemos nos impor. Ela implica muito trabalho, tempo, atenção e memória, e é forçoso constatar que raramente é respeitada.

Diante da situação editorial truncada que mencionei, a relevância de considerar os inéditos e outras fontes está antes de tudo em restabelecer a *continuidade* do trabalho de Merleau-Ponty. Tanto mais que, falecido prematuramente, o filósofo não teve o benefício desse período tardio que permite frequentemente aos autores reler suas obras, seu percurso, e propor uma visão unificada deste. Alguns intérpretes de Merleau-Ponty, não tendo conhecimento do acervo inédito deixado de lado por Lefort, não tendo acesso ou não tendo trabalhado suficientemente muitos textos, comunicações e testemunhos pessoais de Merleau-Ponty entre a *Fenomenologia da percepção* e *O visível e o invisível*, sustentaram a tese de uma ruptura entre os primeiros e os últimos escritos.

O estudo das fontes nos obriga também a *alargar* nossa leitura ao próprio tamanho do horizonte intelectual que era o de Merleau-Ponty, de sua cultura, dos debates nos quais estava engajado. Ele contribui para romper o confinamento induzido pela situação do filósofo entre seus contemporâneos. De fato, Merleau-Ponty se encontra, apesar de si mesmo, preso entre duas referências monumentais: Husserl e Heidegger. Tendo-os em mente ao lê-lo, somos sobrecarregados por associações espontâneas que às vezes se transformam em reflexo condicionado. Não é fácil ler por si mesmo um filósofo que nos fala tanto da *carne* e do *ser*, e que é precedido, sem um longo intervalo, por Husserl e Heidegger. Essa situação exerce sobre nós uma pressão inevitável, até o automatismo que consiste em ler espontaneamente o *Leib* husserliano quando Merleau-Ponty escreve “carne”, e o *Sein*, se não o *Seyn*, heideggerianos quando seus últimos escritos nos falam do “ser” (frequentemente escrito com maiúsculo), como se essas sinonímias fossem óbvias. Essas associações, aliás, suscitam certa perplexidade quando se trata de conciliá-las: a clássica imprecisão artística de um “Merleau-Ponty entre Husserl e Heidegger” ou de um “Merleau-Ponty para além de Husserl e Heidegger”, por mais pedagógico ou tranquilizador que seja, continua insatisfatório<sup>21</sup>.

Merleau-Ponty nunca concebeu seu projeto intelectual como sendo um diálogo com Husserl, muito menos com Heidegger. Pelo contrário, sua empreitada filosófica procede, em parte, de uma confrontação, recorrente para dizer o mínimo, com

---

<sup>21</sup> Sobre esse assunto, cf. E. de Saint Aubert, « Merleau-Ponty face à Husserl et Heidegger : illusions et rééquilibrages », *Revue germanique internationale*, n° 13, « Phénoménologie allemande, phénoménologie française », sob a direção de Jean-Claude Monod, 2011, pp. 59-73, <http://journals.openedition.org/rgi/1122>.

Sartre e com Descartes. Sua relação com Sartre parecia bem conhecida; desde o acesso aos inéditos, percebe-se que conhecíamos pouco a extensão e o alcance de seu conteúdo filosófico, assim como a radicalidade de suas dimensões críticas<sup>22</sup>. Quanto à relação com Descartes e os cartesianos, a surpresa é igualmente grande<sup>23</sup>. Esse diálogo muito antigo e recorrente ressurgiu com força durante os últimos anos. De 1956 até 1961, esse foi, de fato, o principal trabalho de pesquisa e de leitura de Merleau-Ponty. Isso é evidenciado pelo imponente volume dedicado a esse assunto (notas de leitura, notas de trabalho, preparação de cursos) encontrado sobre sua mesa de trabalho no dia de sua morte.

Alargar nosso horizonte de leitura também significa tomar consciência da importância, para Merleau-Ponty, do contexto francês em que está, contexto que é filosófico, mas também social e político – a filosofia política de Merleau-Ponty não se limita a certos textos especificamente dedicados a ela, mas permeia toda a sua obra. A importância, também, de um contexto mais pessoal, que, por exemplo, leva Merleau-Ponty a ler e, em alguns momentos, defender a originalidade do pensamento de Beauvoir, para protegê-la da assimilação ao pensamento de Sartre. Finalmente, a importância do que Merleau-Ponty chamava de “a não-filosofia” – ele mesmo enfatiza esse ponto, especialmente em contraste com Heidegger<sup>24</sup>. Os inéditos e outras fontes nos permitem perceber a parte considerável do trabalho dedicado, até os últimos anos, a diferentes campos clínicos e científicos, em particular diversas correntes psicológicas – psicologia da forma, psicologia do desenvolvimento, métodos projetivos e, é claro, a psicanálise. Com essas ampliações, descobrimos o peso dado por Merleau-Ponty (seja para se inspirar neles e/ou para se opor a eles) a autores bastante diversos, cuja presença às vezes nem suspeitávamos: Gaston Bachelard, Simone de Beauvoir, Maurice Blondel, Paul Claudel, Gabriel Marcel, Blaise Pascal, Jean Piaget, Max Scheler, Paul Schilder, Henri Wallon e muitos outros.

Alargar... mas também *precisar*. Precisar o sentido dos conceitos e figuras principais desse pensamento. Não é raro ver os não merleau-pontianos incomodados com a linguagem esotérica dos amantes de Merleau-Ponty, que multiplicam entre si com um ar de conhecimento os “quiasmas”, os “empiétements” e outras “reversibilidades”

<sup>22</sup> Cf. E. de Saint Aubert, *Du lien des êtres aux éléments de l'être*, op. cit., et *Être et chair II. L'épreuve perceptive de l'être : avancées ultimes de la phénoménologie de Merleau-Ponty*, Paris, Vrin, 2021.

<sup>23</sup> Cf. E. de Saint Aubert, *Le scénario cartésien. Recherches sur la formation et la cohérence de l'intention philosophique de Merleau-Ponty*, Paris, Vrin, 2005, e *Être et chair II*, op. cit.

<sup>24</sup> Cf. E. de Saint Aubert, *Vers une ontologie indirecte. Sources et enjeux critiques de l'appel à l'ontologie chez Merleau-Ponty*, Paris, Vrin, 2006, cap. I et II.

ou “entrelaçamentos” sem nunca definir essas figuras. É verdade que os merleau-pontianos são frequentemente leitores seduzidos por uma escrita metafórica que imitam sem a terem verdadeiramente analisado, o que leva os outros a crer, equivocadamente, que esse pensamento é vago e indeciso, ou ainda mais literário que propriamente filosófico. O próprio Merleau-Ponty, em sua desconfiança em relação à univocidade e aos sistemas explicativos, raramente se entrega a definições em boa e devida forma. Mais um motivo para pôr sua escrita à prova de uma abordagem científica, investigando as fontes, as leituras, os contextos, as variações e invariantes da escrita. Cada conceito e figura (o *empiétement*, a promiscuidade, o *quiasma*, a ambiguidade, a reversibilidade, a carne do mundo, ou ainda a topologia, as *ultra-coisas* etc.) acaba por ser enriquecido de uma significação filosófica muito mais consistente e precisa do que se percebia até então<sup>25</sup>. Pode-se lamentar a falta de rigor e de método que frequentemente acompanhou a recepção de Merleau-Ponty, em contraste com o trabalho de grande qualidade que envolve outros filósofos. Está mais que na hora de se interessar por Merleau-Ponty com uma cientificidade comparável àquela que há muito tempo se dedica a Husserl, Kant, Descartes, Aristóteles etc.

Alargar e precisar é, em última análise, evitar muitos dos atalhos habituais, das anexações selvagens, e eliminar certos mal-entendidos e contrassensos recorrentes. Para além do clichê já mencionado de um Merleau-Ponty como adivinho dos inéditos de Husserl, perdurou por longo tempo o clichê de um último Merleau-Ponty heideggeriano, ou ainda de um promotor do estruturalismo, de um precursor das ciências cognitivas etc. Tente conciliar essas representações, no mínimo diversas, para não dizer incompatíveis entre si... Essa paisagem um pouco barroca da recepção de Merleau-Ponty fez um desserviço a seu pensamento. Aqui, mencionarei apenas dois contrassensos, relacionados entre si, que tocam nos dois conceitos centrais de sua filosofia tardia: a carne e o ser.

Pôde-se dar a entender que a *carne*, em Merleau-Ponty, não tem mais muita coisa a ver com o *corpo*. A carne seria um conceito tardio, ontológico e singularmente abstrato, ligado à influência de Heidegger, e marcaria uma ruptura na evolução do filósofo: a ruptura com a antropologia, e o ultrapassamento conjunto de um primeiro Merleau-Ponty demasiado psicólogo. Esse é um enorme contrassenso. O conceito de carne, numa acepção pessoal e central, aparece em 1949 (*Conferências do México*), é introduzido oficialmente em 1951 (*O homem e a adversidade*), em contextos sem

---

<sup>25</sup> Nos últimos vinte anos, tenho observado regularmente a surpresa dos não merleau-pontianos que, ao lerem meus trabalhos, percebem que Merleau-Ponty é mais substancial e coerente do que eles imaginam.

ligação com Heidegger. Sua gênese decorre do debate constante de Merleau-Ponty com Descartes<sup>26</sup>, mas também, e mais especificamente, de uma análise crítica do final de *O ser e o nada* de Sartre<sup>27</sup>. Aqui, como em todo o conjunto de seus escritos, Merleau-Ponty deseja pensar o ser humano, e escolhe para isso retornar ao corpo e à percepção. Retornar ao mais corporal de nosso ser e de nossa abertura ao mundo, apostando encontrar aí o despertar e o desdobramento das dimensões mais sutis de nossa animação. O ser humano, como ele enfatiza fortemente um ano antes de sua morte, é de imediato “outra maneira de ser corpo”<sup>28</sup>. É essa maneira singular de ser corpo, esse estilo, que a carne designa antes de tudo. De modo que tudo que Merleau-Ponty diz sobre o corpo, o corpo fenomenal, o esquema corporal e a intercorporeidade, desde seus primeiros escritos até os últimos, alimenta sua concepção de carne.

De ponta a ponta, incluindo em seus manuscritos tardios mais explicitamente ontológicos, Merleau-Ponty está em diálogo com as ciências humanas<sup>29</sup>. Especialmente com a psicanálise, a psicologia do desenvolvimento, a psicologia da forma, mas também a neurologia moderna. Isso se reflete particularmente em sua longa elaboração da noção de *esquema corporal*. Noção importante para a concepção merleau-pontiana de corpo fenomenal, trabalhada até a morte do filósofo, em grande proximidade com a noção de “carne” (em alguns trechos, uma sinonímia) em seus escritos mais pessoais e tardios. Não nos esqueçamos de que o último ano de curso sobre o conceito de Natureza (1960), em que carne e esquema corporal são onipresentes, foi dedicado ao corpo humano. Sem mencionar o volume inédito, no mesmo período, das *Notas sobre o corpo*, sobretudo habitado pelo diálogo com a psicanálise e questão do inconsciente<sup>30</sup>.

Segundo contrassenso: confundir a *carne* e o *ser*. Esse contrassenso está ligado ao anterior, na suposição de que o último Merleau-Ponty seria fortemente influenciado por Heidegger. O que é falso: isso já foi suficientemente demonstrado. Sartre, Lefort e Richir já alertavam com firmeza sobre isso. Merleau-Ponty se opôs muito cedo, não tanto a Heidegger propriamente dito (que ele havia lido muito pouco), mas aos “heideggerianos”, notadamente a Beaufret. Ele tende a perceber essa corrente como

---

<sup>26</sup> Cf. *Le scénario cartésien*, *op. cit.*, especialmente cap. I.

<sup>27</sup> Cf. *Du lien des êtres aux éléments de l'être*, *op. cit.*, especialmente a seção A, caps. III et IV.

<sup>28</sup> *La Nature. Notes, cours du Collège de France*, Paris, Seuil, « Traces Écrites », 1995, p. 269.

<sup>29</sup> Assim, a última sequência de trabalho de *Ser e mundo*, datada de 1960, é antes de tudo um longo diálogo com Jean Piaget, e, em menor medida, com Wolfgang Metzger. Heidegger está praticamente ausente.

<sup>30</sup> Sobre essa questão da relação entre carne e corpo, e mais particularmente entre carne e esquema corporal, cf. meu livro *Être et chair I. Du corps au désir : l'habilitation ontologique de la chair*, Paris, Vrin, 2013, seção A.

uma forma de gnose, idólatra de origens gregas míticas, uma filosofia dominial [domaniale] que despreza a experiência, à qual ele opõe sua própria concepção de prática da filosofia como vivente numa relação essencial com os campos não-filosóficos, com os fatos empíricos, com a experiência do corpo. Os inéditos revelam que esse gesto crítico atinge seu ápice na primavera de 1958, em cumplicidade com uma das raras leituras que Merleau-Ponty fez de Levinas. Após o verão de 1958, durante o qual ele finalmente começa a ler mais seriamente Heidegger, Merleau-Ponty modera em parte suas críticas. Ele até se deixa impregnar por algumas metáforas, alguns traços de escrita, que ele utiliza em alguns momentos para expressar seu próprio pensamento, já maduro e diferente: ancorado num pensamento do corpo, uma fenomenologia da percepção e uma filosofia dialética. Isso não diminui a pertinência de uma analogia entre as tentativas de Heidegger e de Merleau-Ponty, especialmente na valorização da importância capital da abertura do homem ao ser. Mas é, de um a outro, uma outra concepção de homem... uma outra concepção de ser<sup>31</sup>. O ser, em Merleau-Ponty, não é tanto a carne quanto aquilo a que nossa carne se abre. Nossa carne, para se tornar carne e entrar em relação (com outras carnes), precisa se abrir ao – e se deixar abrir pelo – ser. Contrariamente ao que se diz frequentemente, Merleau-Ponty não faz uma “ontologia da carne” – expressão cômoda, mas inadequada, que ele nunca usa, e com razão.

5) *Você desenvolveu um método para organizar, interpretar e publicar os textos ditos “inéditos” de Merleau-Ponty?*

Diante de manuscritos inéditos, as técnicas e métodos são, de fato, importantes. A maioria é de clássicos, universalmente empregados para estudar acervos de arquivos. No entanto, é necessário também se adaptar às especificidades do autor. E para o propósito que estabelecemos – no meu caso, uma abordagem genética, atenta ao texto e a seu contexto, à cronologia da escrita de Merleau-Ponty, ao mapa das influências, tanto filosóficas como não filosóficas, e também das oposições que o sustentaram.

É necessário primeiro familiarizar-se com o acervo inédito de modo obter uma visão de conjunto. Pude trabalhar com os documentos originais, no estado de organização do acervo tal como ele havia sido entregue à BnF em 1992. Em outras

---

<sup>31</sup> Para uma análise detalhada da relação efetiva de Merleau-Ponty com Heidegger, cf. *Vers une ontologie indirecte*, op. cit., especialmente cap. III.

palavras, antes da classificação realizada pela BnF, que introduziu várias falhas e confusões. Em seguida, é preciso começar a transcrever. No caso de Merleau-Ponty, é aqui que a maioria dos pesquisadores desanima, dada a dificuldade de decifrar sua escrita. Tenho a sorte de ser uma das raras pessoas que conseguem fazê-lo sem grandes dificuldades. Mas isso não é feito da noite para o dia. Levei de um a dois meses de trabalho intenso – parecia que estava aprendendo uma língua estrangeira – para conseguir uma leitura suficientemente fluida, que foi melhorando com o tempo. Depois, dois anos essencialmente dedicados à transcrição, à datação<sup>32</sup>, e à pesquisa do que nomeei, *supra*, como “outras fontes”.

Sempre se começa naturalmente transcrevendo o que nos interessa, antes de perceber, pouco a pouco, que isso não é suficiente para poder interpretar. A restituição de um “Merleau-Ponty se fazendo” exigia uma transcrição a mais completa possível e, em seguida, demandava a ligação dos inéditos à obra editada. Por isso, digitalizei a integralidade dos textos já publicados, antes de inserir, passo a passo nesse conjunto, com a maior precisão cronológica possível, cada documento inédito. O resultado é um corpus eletrônico de aproximadamente 10.000 páginas. Na época em que fiz isso (na década de 90), era bastante inovador. E trabalhoso: as ferramentas de digitalização ainda eram muito lentas, o reconhecimento ótico de caracteres carecia de confiabilidade e exigia uma correção manual. Minhas habilidades em informática me permitiram, posteriormente, conceber e programar, em uma nova linguagem adaptada, ferramentas de softwares de *pattern matching*<sup>33</sup>. Estas constituíram uma ajuda preciosa para a datação dos inéditos, a identificação das fontes de que Merleau-Ponty extraía uma terminologia frequentemente original, assim como para a reconstituição de um histórico de suas leituras<sup>34</sup>.

Eu já tive a oportunidade de destacar a importância de estar atento ao estatuto de um documento. Tomemos novamente o exemplo de *O visível e o invisível* e das notas de trabalho publicadas após ele. Trata-se de inéditos publicados

---

<sup>32</sup> A questão da datação é importante. Ela requer um bom conhecimento da obra de Merleau-Ponty e dos eventos de sua vida intelectual. Além disso, é necessário estar atento à evolução de sua escrita manuscrita, às características do papel, da tinta etc. Ela passa também por uma reconstituição de suas leituras, e por um estudo lexicológico para o qual as ferramentas informáticas são uma ajuda preciosa.

<sup>33</sup> Pesquisa de motivos lexicológicos complexos utilizando o que os informáticos chamam de “expressões regulares”, ocorrência ou co-ocorrências com contexto parametrizável, criação automática de índice em todo o corpus, navegação instantânea etc.

<sup>34</sup> Não se deve, entretanto, supervalorizar esses meios técnicos e ceder ao canto das sereias das “novas tecnologias”, em que as bases de dados pensam em nosso lugar. Mal utilizados, esses instrumentos podem obstruir o trabalho de reflexão filosófica. Sua principal novidade é o ganho de tempo, a precisão e a exaustividade que trazem ao trabalho de pesquisa universitária, que, como tal, continua a usar métodos clássicos.

postumamente. No entanto, quando se fala dos « inéditos » de Merleau-Ponty, geralmente refere-se ao acervo depositado na BnF em 1992, e às publicações que dele se seguiram. Estas têm, contudo, o mesmo estatuto que *O visível e o invisível* ou *A prosa do mundo*. Caímos facilmente em um erro de óptica, devido à falta de memória ou de senso da história editorial. Respeitar o estatuto de uma fonte ou de um texto implica, por exemplo, entender que as famosas “notas de trabalho” de Merleau-Ponty (extraídas por Lefort de um conjunto mais amplo) não foram escritas para nós, mas para ele próprio. Na maioria das vezes não relidas pelo autor, essas notas derivam de uma escrita espontânea, em circunstâncias que nos escapam, e, portanto, devem ser interpretadas com uma grande prudência.

Não é apropriado ler os inéditos como uma língua iniciática, onde um trecho isolado, tal como um aforisma, conteria por si só a chave do pensamento do autor. As notas e outros escritos de caráter estritamente pessoal (não redigidos em vista de uma publicação) são codificados por hábitos de trabalho e de escrita (como construções elípticas, por exemplo) que devem ser identificados como tais. Os pensamentos que eles carregam não vêm do nada, mas oferecem tentativas de expressão, por meio de ensaios e variações: é necessário adotar meios de restabelecer sua filiação, identificando as tentativas análogas, as leituras do momento, de forma a isolar, justamente, alguns *invariantes*. Estes supõem a existência de vários textos convergentes, e sua restituição implica um número mínimo de citações para dar suporte à demonstração (especialmente quando se trata de textos inéditos, desconhecidos do leitor). A aparência incoativa que Merleau-Ponty empresta à fenomenologia não deve ocultar outra dimensão, igualmente fenomenológica: a sedimentação, que frequentemente faz o começo ser um recomeço. Esse duplo jogo de antecipações e retomadas é inerente a qualquer corpus de inéditos, mas é particularmente acentuado em Merleau-Ponty: perpétuo começar, ele é também perpétuo repetir, numa circularidade de expressão que é às vezes exaustiva. Daí a necessidade de uma abordagem arqueológica pesada, mas necessária, que tentei tornar a menos densa possível para o leitor.

Sua pergunta se refere, finalmente, às exigências metodológicas ligadas à *publicação* dos inéditos. Já abordei esse ponto ao responder à pergunta anterior. A carga de trabalho envolvida na edição científica de um determinado manuscrito é muito mais importante do que aquela necessária para uma transcrição destinada às necessidades de uma pesquisa pessoal. Os manuscritos comportam rasuras, trechos sublinhados, anotações nas margens feitas durante uma releitura etc. Todas essas particularidades complicam a tarefa do responsável pela edição. Para alguns, o ideal seria o que

chamamos, tecnicamente, de “edição diplomática”. Mas os editores se recusam a isso, com razão: para eles, é ao mesmo tempo muito complicado de formatar (portanto, muito caro) e insuficientemente legível para o público. Algumas edições adotam a direção oposta, que oculta as rasuras e correções, as inserções feitas posteriormente e outras múltiplas características do trabalho de escrita – o que implica escolhas, às vezes arbitrárias, e retira do leitor uma parte de sua própria margem de interpretação. Parece-me desejável encontrar um compromisso. Trabalhar em colaboração com outros pesquisadores pode ajudar nisso. Foi o que eu fiz para a publicação das notas de preparação de três cursos no Collège de France. A editora Vrin tinha recusado essas edições em razão de sua complexidade, então nos voltamos para uma jovem editora suíça, MêtisPresses, capaz de compreender e assumir as exigências próprias à edição de manuscritos. Dirigida por Franco Paracchini, fenomenólogo que trabalhou sobre Merleau-Ponty, MêtisPresses oferece a vantagem de ser sensível ao interesse e às especificidades desse autor, além de contar com as habilidades de Marc Logoz na realização de uma diagramação de grande qualidade. Assim, pudemos confiar a eles uma transcrição precisa, que permanece o mais perto possível das singularidades do manuscrito, e ter a garantia de uma edição fiel a esse trabalho, ao mesmo tempo que oferece ao leitor uma legibilidade confortável.

*6) Como podemos pensar a intersubjetividade entre Merleau-Ponty escritor e Merleau-Ponty leitor, considerando os diálogos que ele manteve com outras obras? Os arquivos permitem uma avaliação sobre esse assunto?*

Merleau-Ponty está, de fato, em perpétuo diálogo com outros autores. E a obra publicada em vida não permitia perceber a dimensão disso. Os arquivos revelam que, ao longo do tempo, inclusive nas versões sucessivas de um mesmo manuscrito, Merleau-Ponty apaga as referências de seus empréstimos. Esse procedimento obedece menos a uma vontade de dissimulação do que a um processo natural de assimilação. Também reflete a dimensão introvertida (reforçada nos últimos anos) de uma escrita em diálogo consigo mesma, que exige do leitor um conhecimento perfeito da paisagem interior do autor. Merleau-Ponty tende igualmente a obscurecer os horizontes críticos de seu pensamento. Mais uma vez, os inéditos são preciosos, senão insubstituíveis. Eles permitem compreender até que ponto o filósofo está em diálogo com alguns adversários que se tornaram fantasmagóricos (Brunschvicg, Sartre, Hyppolite, Beaufret, Alquié, Lachièze-Rey, Ruyer, Gurwitsch etc.). A identidade desses adversários é com frequência insuspeitada devido ao seu mascaramento,

nos textos publicados em vida do autor, sob uma denominação generalizada (intelectualismo, idealismo, empirismo...). Quando sua perspectiva é menos crítica do que positiva, a relação de Merleau-Ponty com autores não é mais transparente. Pois é muitas vezes complicada por uma projeção de sua própria abordagem: o pensador em questão (Scheler, Maquiavel, Freud, Walon, Klein, Husserl, Bergson...) é revestido de Merleau-Ponty, com o nobre álibi de prosseguir suas intuições além dele mesmo, o que frequentemente passa por uma leitura truncada e por livres deformações, transposições ou generalizações – como em um texto sintomático entre tantos outros, com um título generosamente codificado, *O filósofo e sua sombra*.

O estudo dos arquivos, portanto, conduz a um reequilíbrio singular, mas também a um alargamento da visão que tínhamos de sua relação com os autores. Eu já tive a oportunidade de abordar esse tema (*supra*, questões 3 e 4), que retomo e completo aqui de uma forma resumida. Uma relação crítica fundadora com o idealismo francês, cartesiano e kantiano, cuja importância não era devidamente medida; uma confrontação essencial com Sartre para as concepções merleau-pontianas de carne e do desejo; uma relação ambivalente com Husserl obscurecida por outros autores; uma relação crítica com Heidegger que, na verdade, durante muito tempo se dirigiu à sua recepção francesa. Ou ainda uma caricatura recorrente de Leibniz, onde se escondem Pascal, Voltaire, Beauvoir, a rejeição de uma certa teologia bem como uma crítica de Ruyer. Mas também diversos autores cuja influência era subestimada ou ignorada, embora marquem certas concepções centrais da filosofia de Merleau-Ponty. Sem esquecer, mais uma vez, a importância de sua frequência assídua a diversos campos não-filosóficos – especialmente as ciências humanas e a literatura. Proust, Claudel, Valéry, Stendhal, Claude Simon, Breton..., mas também alguns romances de Beauvoir. Leituras das quais Merleau-Ponty extrai parte de sua concepção de corpo, do tempo, da carne e do desejo, até as figuras maiores do *empiètement*, do quiasma e da carne do mundo. Ignorava-se a amplitude de sua confrontação com Piaget, que vai muito além do período dos cursos na Sorbonne, já que é também muito precoce e muito tardia, vindo a informar diretamente as concepções merleau-pontianas de topologia, de reversibilidade, e ocupando o primeiro lugar no último período de trabalho de *Ser e mundo* (1960). Mas também sua leitura supervalorizada das “ultra-coisas” de Walon, conceito original cuja retomada se revela essencial à sua ontologia e à sua concepção última de fenomenalidade. Ou ainda sua frequência quase ininterrupta da psicologia da forma, que também desenvolve um papel capital na sua última filosofia, começando por sua concepção de ser.

Poderíamos continuar por muito tempo, e me permita remeter a meus cinco livros onde o leitor encontrará desenvolvimentos dedicados a cada um desses pontos, bem como a muitos outros. Acrescentarei aqui apenas alguns fatos que falam por si mesmos. Entre as mais de 4000 folhas que constituem os inéditos depositados na BnF, encontram-se apenas 4 folhas de notas de leitura de Husserl (datadas de 1960) e 25 sobre Heidegger (notas provavelmente tomadas no início de 1961, apenas alguns meses antes da morte do autor). No entanto, Merleau-Ponty tinha o hábito de fazer tais notas, às vezes generosas: 120 páginas para um único livro do gestaltista Rudolf Arnheim, várias dezenas aqui para uma obra de Piaget, outras tantas para uma leitura de Wolfgang Metzger – tomando apenas algumas leituras escolhidas deliberadamente em pleno período chamado “ontológico”, isto é, nos anos 1957-1961. Na noite de 3 maio de 1961, Merleau-Ponty faleceu, deixando seu escritório coberto pelos projetos em andamento: o estudo de Descartes e de seus intérpretes ocupa quase todo o espaço, com um único volume de notas de leitura tomadas sobre e em torno de Descartes totalizando cerca de 150 páginas.

Os inéditos revelam, assim, o peso do contexto intelectual efetivo de Merleau-Ponty. Um ambiente que é muito fácil descartar a baixo custo como (doravante) filosoficamente não sério (existencialismo sartriano, existencialismo cristão, marxismo...) ou ainda como não filosófico (teoria da Gestalt, psicologia infantil, psicanálise, neurologia, ciência da natureza...). Merleau-Ponty não é um espírito escolar, mas um homem marcado pelos debates de seu tempo, atento a todos os campos do pensamento. Daí a necessidade de um trabalho em parte histórico, com a preocupação de considerar esse autor a partir de sua própria cultura (não da nossa): explorar sua biblioteca, identificar suas leituras, utilizar seus manuscritos de trabalho para avaliar a importância de cada uma, sem nos deixar aprisionar por princípio nas hierarquias retrospectivas entre autores maiores e menores, entre filósofos e não filósofos. No fundo, esse esforço visa restituir a liberdade de Merleau-Ponty, mesmo que seja contra nós mesmos, mas também contra ele próprio: contra as complicações da retenção de alguns textos (demasiadamente) redigidos. Não devemos temer “a impostura profissional do filósofo” evocada por *O filósofo e sua sombra*<sup>35</sup>, onde se esconde um filósofo subversivo, às vezes desonesto e expeditivo – não em relação a seus próprios conceitos, mas em relação a outros pensadores –, onde reside um filósofo – bem antes de ser exegeta ou professor de filosofia. Merleau-Ponty segue uma

---

<sup>35</sup> *Signes*, Paris, Gallimard, 1960, p. 227.

problemática pessoal e avança sentindo a necessidade de marcar seu próprio caminho por balizas que talvez sejam, em certa medida, caricaturas. O interesse por essas balizas se assemelha ao das *figuras*, o de uma expressão universal percebida em uma carne (e seu estilo) por uma carne (e seu próprio estilo), em um rosto de pensador por outro pensador. É o que chamei nos meus livros de “roteiros” de Merleau-Ponty, que lembramos mitos ou “complexos” multiplicados por Bachelard, e onde reside uma dimensão onírica. Ler e interpretar Merleau-Ponty passa inevitavelmente pelo que ele mesmo se propôs a pensar e nos propôs a pensar em seu debate interior com esses fantasmas.

*7) Como você avalia o impacto da publicação desse material na recepção da filosofia de Merleau-Ponty e em que medida esses escritos abrem novos horizontes para a fenomenologia contemporânea?*

Aqui novamente, analisemos essas duas perguntas uma após a outra.

*a) Como você avalia o impacto da publicação desse material na recepção da filosofia de Merleau-Ponty?*

É difícil responder a essa pergunta, visto que a recepção de um autor é uma questão complexa, tanto no tempo humano como no espaço cultural. É ainda um pouco cedo para avaliar esse impacto. Após as publicações em francês, é necessário esperar as traduções – algumas são muito recentes, outras estão em curso ou em projeto. O impacto é claramente visível e imediato nos estudos de doutorado: muitas teses sobre Merleau-Ponty levam em conta essas publicações. No entanto, a recepção de Merleau-Ponty é internacional, e as tradições e hábitos de relação com o texto estão longe de serem os mesmos de um país para outro. Um doutorando italiano ou japonês, por exemplo, irá espontaneamente em direção a essas publicações, e até se interessará diretamente pelos inéditos ao visitar a BnF, enquanto um doutorando norte-americano pode não sentir exatamente essa necessidade. O mesmo ocorre, de forma mais ampla, com os pesquisadores que já passaram pelo doutorado. E a recepção de um autor não se limita à pequena comunidade de especialistas. A recepção de Merleau-Ponty é notavelmente plural e abrange diversos campos do pensamento nos quais a relação com o texto é ainda menos exegética.

Na esfera acadêmica, após o depósito na BnF feito por Suzanne Merleau-Ponty em 1992, doutorandos de diversos continentes se debruçaram longamente sobre esses textos, apesar da dificuldade de decifrar a escrita manuscrita, e todos foram impactados pela sua importância. Isso permitiu a emergência de uma rede internacional

fecunda de jovens pesquisadores. Fiquei particularmente impressionado pela qualidade do investimento imediato dos pesquisadores japoneses – historicamente, o Japão, junto com a Itália e os EUA, é um dos principais países que reconheceram a importância de Merleau-Ponty e trabalharam seu pensamento, quando este autor ainda não era verdadeiramente estudado na França. Essa geração de pesquisadores e as que se seguiram estão gradualmente elevando o estudo de Merleau-Ponty a um nível de cientificidade equivalente ao desfrutado pelas outras grandes figuras da filosofia.

Esse caminho é longo, e ainda há muito a ser feito. O universo acadêmico não está isento de paradoxos, para não falar de contradições: esse ambiente de pesquisa livre e desejoso de descobertas também é um mundo institucional pesado, com seus poderosos, ambiciosos e invejosos, suas pequenas redes de influência, pressões, tensões, rigidez. Todos nós temos experiência disso... As inflexões importantes trazidas pelos arquivos na nossa compreensão de Merleau-Ponty não poderiam deixar de suscitar resistências. Especialmente na situação singular causada pelos quase 30 anos que separam a publicação de um inédito como *O visível e o invisível*, publicação importante, mas difícil e descontextualizada, e o acesso dos pesquisadores ao acervo depositado na BnF: um longo período durante o qual se forjaram e se consolidaram muitos mal-entendidos e contrassensos. Não é fácil para os acadêmicos estabelecidos, conhecidos por seus trabalhos, tomar consciência que se enganaram em parte, e menos ainda admitir isso publicamente. E sua influência é forte – sobre seus alunos, sobre seus colegas no exterior. Mas é preciso também saudar o apoio e o encorajamento recebidos de alguns de nossos predecessores, e não menos importante, suficientemente maduros, interiormente livres e intelectualmente honestos para favorecer a liberdade dos jovens pesquisadores, reconhecer e promover suas descobertas. Mesmo quando essas descobertas desestabilizam suas próprias representações. Em suma, é preciso ser paciente – o tempo e a verdade inevitavelmente fazem seu trabalho. E permanecer confiantes em nossos sistemas acadêmicos que, apesar de suas falhas e inércia, são os mais capazes de apoiar uma abordagem científica que permite que nosso conhecimento progrida com rigor.

*b) Em que medida esses escritos abrem novos horizontes de reflexão para a fenomenologia contemporânea?*

Em contraste com a primeira recepção muitas vezes excessivamente abstrata (e em parte heideggeriana) de *O visível e o invisível*, somos levados a retornar aos elementos fundamentais da filosofia de Merleau-Ponty, a apreender melhor sua intenção e sua unidade. No cruzamento do existencialismo, da fenomenologia e das

ciências humanas, esse pensamento aborda questões clássicas enquanto assume a desestabilização proveniente da modernidade e tenta escapar conjuntamente dos impasses do idealismo e do realismo. É exatamente assim que essa filosofia continua e continuará a nos falar e inspirar, e é nesse contexto que se desenvolve a fecundidade atual e futura dos arquivos.

Uma fecundidade *antropológica*, em primeiro lugar. Merleau-Ponty deseja repensar a união da alma e do corpo, levando a sério a identidade radicalmente relacional do ser humano. Essa filosofia da carne se debruça sobre as dimensões essenciais que nos animam, em uma análise notavelmente refinada de como nosso corpo se abre ao mundo e ao outro. Merleau-Ponty caracteriza o ser humano no próprio seio de sua animalidade, como sendo, acima de tudo, uma maneira singular de ser copo e de perceber<sup>36</sup>. Sua obra como um todo tece uma filosofia do corpo humano, especialmente uma concepção pessoal do esquema corporal e da imagem do corpo – noções sempre atuais em neurologia e psicologia<sup>37</sup>. Também elabora uma fenomenologia da vida perceptiva, que, ao longo do tempo, destaca cada vez mais a articulação da percepção com a motricidade, o desejo e a inteligência. Sua concepção de carne é resolutamente inovadora, e Merleau-Ponty a baseia, aliás, em uma crítica abrangente da filosofia passada. Ela apresenta uma descrição fenomenológica notável do entrelaçamento entre passividade e atividade no cerne de nossas atitudes mais propriamente humanas. Além disso, trata dos laços estreitos e vitais que tecemos entre imaginário e real, e da surpreendente capacidade de nossa inteligência, desde a percepção até a linguagem, de manter em conjunto a diversidade na analogia e na dialética. Sem esquecer uma nova concepção, fenomenológica e existencial, do inconsciente, que não deixa de desestabilizar as ciências cognitivas, a psicanálise e própria filosofia. Sobre esses diversos pontos, os inéditos são particularmente esclarecedores<sup>38</sup>.

Mas, a exemplo do ser humano, essa antropologia não é suficiente por si mesma e não se encerra em si mesma. Merleau-Ponty sempre criticou o idealismo por sua incapacidade de pensar nosso vínculo com o que é *outro* em relação a nós/*diferente* de nós. É aqui que nasce a dimensão *ontológica* de seu pensamento, muito mais precoce do que se acreditava<sup>39</sup>. Uma ontologia original, em ruptura com nossas

---

<sup>36</sup> “O homem percebe como nenhum outro animal o faz”, “em uma percepção humana completamente explícita, encontraríamos todas as originalidades da vida humana”. (*Le primat de la perception et ses conséquences philosophiques*, Grenoble, Cynara, 1989, pp. 68 e 99).

<sup>37</sup> Cf. *Être et chair I*, *op. cit.*, seção A.

<sup>38</sup> Cf. *Être et chair II*, *op. cit.*

<sup>39</sup> Cf. *Du lien des êtres aux éléments de l'être*, *op. cit.*, seção B, e *Vers une ontologie indirecte*, *op. cit.*, cap. I.

metafísicas tradicionais, cujo sentido e fecundidade estamos ainda longe de ter apreendido. Quando da primeira recepção da *Fenomenologia da percepção*, alguns colegas e mestres de Merleau-Ponty reduziram essa obra, exceto sua última parte, a descrições fenomenológicas ou até mesmo “curiosidades psicológicas” sem alcance ontológico. Essa leitura chocou fortemente Merleau-Ponty, e ele se dedica a combatê-la desde o final dos anos quarenta e nos anos seguintes. Por exemplo, na aula inaugural de seu primeiro curso no Collège de France, *O mundo sensível e o mundo da expressão*, onde destaca que ele “não faz diferença entre ontologia e fenomenologia”, e que ele sempre compreendeu a percepção humana como sendo “essencialmente um modo de acesso ao ser”<sup>40</sup>. Mas sua concepção de ser, tanto quanto a de carne, é radicalmente nova. E ela passa também por uma crítica de conjunto da filosofia passada. Notadamente por uma crítica do que Merleau-Ponty chama de “falsos absolutos” ou “os ídolos”, que sobrecarregam justamente nossas metafísicas com dimensões psicológicas das quais sua “nova ontologia” pretende nos libertar.

Em certo sentido, para Merleau-Ponty, nada é menos psicologizante que a percepção humana. Enquanto as pretensões da razão ou da consciência clássicas visavam nos fazer sair da psicologia “pelo alto” – através do entendimento ou do espírito –, uma das intuições fundadoras de Merleau-Ponty é que elas não conseguem atingir isso. Pelo contrário, elas nos prendem em uma sutil imanência psicológica, e é preciso compreender como realmente podemos sair dela “por baixo”, à própria carne [à même la chair]. No entanto, “baixo” e “alto” já não têm mais nenhum sentido nessa filosofia da carne. Merleau-Ponty destaca dois modos carnis fundamentais de abertura ao que é diferente de nós/outro em relação a nós, inaugurados desde a percepção e estreitamente ligados à inteligência: a fé perceptiva e o desejo. Dois modos de abertura ao desconhecido e ao invisível, à profundidade e ao horizonte, ao inacabado e ao inesgotável... ao que Merleau-Ponty chama de “ser”, caracterizado por uma indeterminação tanto plena quanto vazia [en plein et en creux], que confere à sua abordagem do ser uma negatividade e uma humildade às quais nossas metafísicas, sempre mais ou menos gnósticas e tipicamente masculinas, permaneceram dramaticamente estrangeiras.

Nada é mais oposto à ontologia de Merleau-Ponty do que esta fórmula de Sartre, contra a qual *O visível e o invisível* está escorado: a “plenitude absoluta e inteira

---

<sup>40</sup> *Le monde sensible et le monde de l'expression, op. cit.*, p. 46. Cf. também *Vers une ontologie indirecte, op. cit.*, cap. I.

positividade” do ser, que “a negação não poderia atingir”<sup>41</sup>. Ao fazer isso, sua ontologia se afasta radicalmente das transposições teológicas que habitam o pensamento de Sartre e que frequentemente perturbavam nossas velhas metafísicas. Aquelas de uma “teologia explicativa” que descreve um ser acabado e imutável, impassível e invulnerável, purificado de todo não-ser, tão absoluto e separado, tão diferente de nossa carne que a relação se torna impossível, que não podemos nem experimentá-lo nem colocá-lo à prova<sup>42</sup>. Um ser de sobrevoos que se impõe, importante sem sustentação [portance]. De tal forma que não podemos nos apoiar nele e não temos margem para desejá-lo.

O ser merleau-pontiano não é um absoluto distante ao qual nossa inteligência acederia *para além* de nossa relação com o mundo e com o outro, um além-mundo [arrière-monde] reservado a um espírito sutil e aos seus puros pensamentos. Ele é aquilo a que nossa *carne* se abre (e no que ela se apoia) desde a sensório-motricidade, *abrindo-se* ao mundo e ao outro, *para* poder entrar em relação com eles<sup>43</sup>. O ser merleau-pontiano encontra seus análogos principais [analogués *princeps*] no mundo sensível, ou melhor – e isto não é uma nuance – naquilo que torna o mundo sensível. O ser não é tanto o mundo quanto aquilo que o põe em cena – o autor de *Ser e mundo* sugere em certos momentos uma equação entre “ser e mundo” e “invisível e visível”<sup>44</sup>. Nem mundo nem além-mundo, como Merleau-Ponty afirma com vigor, o ser é “invisível *deste* mundo, aquele que o habita, o sustenta e o torna visível (...) o Ser deste ente”<sup>45</sup>. A percepção se apoia no invisível para acessar o visível, um invisível que “torna visível” segundo a expressão aqui tomada por empréstimo de Paul Klee. O ser não é nem o mundo nem minha carne, mas infraestrutura invisível ou intangível que carrega sua manifestação e suas relações, sua existência e coexistência.

Para Merleau-Ponty, apenas essa nova ontologia pode preservar a antropologia do prometeísmo e do desespero, protegendo o ser humano do sadomasoquismo e da

---

<sup>41</sup> *L'Être et le Néant*, Paris, Gallimard, 1943, p. 50.

<sup>42</sup> Cf. E. de Saint Aubert, « “L’Incarnation change tout”. Merleau-Ponty critique de la “théologie explicative” », in *Archives de philosophie*, tome 71, cahier 3, 2008, pp. 371-405, <https://www.cairn.info/revue-archives-de-philosophie-2008-3-page-371.htm>.

<sup>43</sup> Merleau-Ponty destaca gradualmente o quanto essa abertura é inconsciente, tanto que acaba por articular fortemente três termos: o corpo, o inconsciente e o ser – conjunção sem precedentes na história da filosofia. Cf. *Être et chair II*, *op. cit.*, cap. VI.

<sup>44</sup> Cf. *Être et Monde*, inédit, BnF, volume VI, f. [245](27), reescrita à margem em outubro de 1960. Daí a hesitação já assinalada de Merleau-Ponty, de 1958 a 1961, entre dois títulos para o seu grande projeto ontológico: *Ser e mundo* ou *O visível e o invisível*.

<sup>45</sup> *Le visible et l'invisible*, *op. cit.*, p. 198.

destrutividade, da ambivalência entre onipotência e total impotência. Na medida em que ela introduz um *terceiro* mediador entre mim e o outro, entre nós e o mundo. Nossa carne está fundamentalmente em relação com uma “carne do mundo” (metáfora tardia emprestada de Claude Simon, muitas vezes mal compreendida) que não é nossa carne e que só é carne *do* mundo (ou “invisível *desse* mundo”) por não ser o mundo, mas por trazê-lo à manifestação<sup>46</sup>. Longe de ser um monismo da carne ou uma “ontologia da carne”, sua ontologia última desenha uma dramaturgia de três termos, tão diferenciados quanto fortemente interligados: nossa carne, o mundo e o ser. Nessa breve apresentação do caráter inovador da ontologia de Merleau-Ponty<sup>47</sup>, talvez se tenham adivinhado três linhas de fecundidade atuais: os alcances *ecológico*, *feminista* e *ético* dessa filosofia. Não é por acaso que a ecofenomenologia e os *women’s studies* se interessam por Merleau-Ponty. Quanto à dimensão ética, um leitor refinado de Merleau-Ponty adivinha que ela permeia todas as páginas, embora nunca seja tematizada como tal. Contudo, nesse aspecto, a fenomenologia de Merleau-Ponty só encontrará sua fecundidade se compreendermos como e o quanto ela fundamenta o ético no ontológico, contrariamente a Levinas, e em uma concepção original de ser que escapa radicalmente às poucas críticas que este último lhe lançou<sup>48</sup>.

**8) Percebe-se que sua pesquisa é atravessada pela presença dos “inéditos” de Merleau-Ponty. Você poderia avaliar qual foi a relevância desse material para a construção de seu próprio pensamento?**

A maior parte dos meus trabalhos já publicados trata de Merleau-Ponty, com a intenção de melhor compreender a gênese e a evolução de seu pensamento. Eu faço referência aos inéditos na medida em que eles parecem esclarecer esse pensamento. Como fui um dos primeiros a ter conhecimento transversal do material inédito e a tentar comunicá-lo, às vezes meu trabalho de pesquisador foi assimilado a esse material. Aqueles que realmente me leem sabem que não é o caso. Portanto, não posso responder à sua pergunta isolando os inéditos: foi a frequência da obra de

<sup>46</sup> Cf. *Être et chair I*, *op. cit.*, cap. IX.

<sup>47</sup> Para mais detalhes, cf. *Être et chair II*, *op. cit.*, mas também “Être et chair chez Merleau-Ponty”, in *Ágora Filosófica*, Recife (Brasil), vol. 23, n° 3, 2023, pp. 5-35, <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/2457/2226>.

<sup>48</sup> Cf. E. de Saint Aubert, « Autre, même, commun. Le point de vue de Merleau-Ponty », in *Archives de philosophie*, dossiê « Levinas – Merleau-Ponty : résonances » dirigido por E. de Saint Aubert, tome 85, cahier 3, 2022, pp. 101-120, <https://www.cairn.info/revue-archives-de-philosophie-2022-3-page-101.htm>.

Merleau-Ponty, começando pelos textos publicados em vida, que contribuiu para a construção de meu próprio pensamento.

Descobri Merleau-Ponty tardiamente, quando já tinha realizado um primeiro trabalho de reflexão filosófica pessoal a partir de outros horizontes, antigos e medievais, sobre a questão da analogia. Esse encontro foi intenso desde o início. Também inesperado, e até bastante surpreendente para mim, pois aparentemente nada me predispunha a isso e, na verdade, tudo me preparava para isso, mas sem que eu fosse capaz, naquela época, de entender o porquê. Merleau-Ponty me abriu para a força e a fecundidade da filosofia moderna e contemporânea, ao passo que eu a considerava até então árida, vendo nela apenas os impasses do idealismo. Ele respondeu sobretudo à minha necessidade inconsciente de gradualmente realizar a unidade entre diversas dimensões que animavam minha inteligência: um fundo existencialista pascaliano, atento às contradições do homem<sup>49</sup>; uma relação com o mundo particularmente sensório-motora, centrada no realismo da percepção; um percurso duplo, literário e científico, que sempre me fez viver no diálogo vital entre filosofia e não-filosofia<sup>50</sup>; um gosto pela metafísica acompanhado desde o início por uma sensibilidade crítica às pretensões absolutas da razão, às ambições gnósticas, ao que Merleau-Ponty chama de falsos absolutos.

Merleau-Ponty também contribuiu significativamente para me abrir às ciências humanas, embora meu itinerário pessoal e meus compromissos associativos já me tivessem sensibilizado a diversos campos clínicos e à psicanálise – por muito tempo hesitei em me tornar psicanalista. Foi justamente nesse plano que minha recepção de Merleau-Ponty rapidamente adquiriu uma dimensão crítica: verifiquei ao mesmo tempo o quanto ele tinha, para um filósofo, uma compreensão refinada da psicanálise<sup>51</sup>, e o quanto a sua leitura (de Freud, Klein, Lacan etc.) era truncada, permanecia estranhamente cega a certas dimensões essenciais da metapsicologia psicanalítica. Para além de um simples defeito de leitura ou de interpretação, isso era para mim revelador de verdadeiras lacunas na antropologia de Merleau-Ponty. Meu doutorado

---

<sup>49</sup> Foi a leitura de Pascal, quando eu tinha 14 anos, que iniciou minha vocação de filósofo.

<sup>50</sup> Durante muito tempo hesitei entre as ciências e a filosofia. Segui um percurso de formação de alto nível nessas duas direções, fazendo classes preparatórias para as grandes escolas literárias e, depois, científicas, obtendo a agregação de filosofia e depois de matemática, e iniciando um trabalho de pesquisa nos dois domínios. Na École Normale Supérieure, eu pertencia simultaneamente ao Departamento de filosofia e ao Departamento de matemáticas, e assim tinha dois professores para me acompanhar (o que se chama os “caïmans” no jargão normaliano, jargão da ENS): Claude Imbert et Martin Andler.

<sup>51</sup> Mais fina, aos meus olhos, que a de Paul Ricoeur, que, no entanto, dedicou um tempo considerável ao estudo dessa corrente.

já fazia eco a isso, o que marcou minha orientadora de tese, Marlène Zarader, que apreciava, com razão, que não se estivesse na fascinação nem mesmo na pura defesa de um autor.

Esse diálogo crítico com Merleau-Ponty também contribuiu para a maturação de meu próprio pensamento. Ele continuou em trabalhos acadêmicos, bem como nos vários compromissos profissionais que me conectam a diferentes campos clínicos há mais de 25 anos. Uma das vantagens de uma carreira de pesquisador no CNRS, instituição por excelência interdisciplinar e preocupada com os impactos sociais da pesquisa, é que se está livre da obrigação de ensinar determinada disciplina em uma universidade específica. Essa grande liberdade permite a um pesquisador ensinar onde for solicitado, possivelmente em várias disciplinas diferentes, mas também exercer outras atividades além do ensino – alguns pesquisadores filósofos, por exemplo, também são psicólogos ou psicanalistas. Se essa liberdade é concedida, é porque se compreendeu o quanto ela pode ser fecunda para a própria pesquisa, para sua encarnação e difusão. Eu sempre aproveitei essa latitude, que se adéqua perfeitamente ao meu perfil intelectual, permitindo-me trabalhar com diferentes profissões de acompanhamento de pessoas humanas em dificuldade (psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, médicos e equipes de enfermagem, professores especializados...), e contribuir para sua formação. Esse tipo de engajamento é precioso para um filósofo: diante de profissionais de campo, lutando com a concretude e as consequências das feridas da humanidade, é impossível permanecer na posição de sobrevoo de uma especulação descolada do real... Essa postura é intolerável para esses mesmos profissionais, e eles deixam isso bem claro<sup>52</sup>. Sempre fui particularmente feliz nessa atividade, excepcionalmente bem recebido e ouvido por esses públicos adultos exigentes, às vezes mais velhos do que eu (quando comecei, há 26 anos, todos eram...), obviamente mais maduros que a maioria dos jovens estudantes de filosofia. Vale dizer que suas necessidades e suas questões contribuíram para a elaboração de minha reflexão filosófica pessoal.

Merleau-Ponty, tanto nas suas contribuições como em suas lacunas, permanece presente nessa reflexão. Especialmente por seu próprio interesse em diversas correntes psicológicas<sup>53</sup> e, mais amplamente, pela antropologia que toda sua obra tece

---

<sup>52</sup> Aliás, é preciso confessar que muitos filósofos não conseguem se manter neste tipo de confrontação, o que não deixa de interrogar sobre a relação com o mundo que isso revela subjacente e sobre a validade de uma filosofia desconectada dos desafios mais ardentes da existência humana.

<sup>53</sup> Não podemos nos esquecer que Merleau-Ponty ocupou, pouco antes de Piaget, a cadeira de psicologia infantil na Sorbonne.

progressivamente, mesmo que nunca seja exposta como tal num tratado – Merleau-Ponty nunca procedeu dessa forma, quaisquer que fossem as questões pelas quais se interessava. Mas também pela ontologia que ele esboça, realização necessária de uma atitude antropológica, a única capaz de preservá-la do fechamento em si mesma. Uma ontologia ainda mal compreendida, sobre a qual os inéditos lançam uma luz valiosa, que explora as relações de nossa carne com o que Merleau-Ponty chama de “ser”, em uma acepção original, muito mais concreta do que em nossas velhas correntes metafísicas. É no cruzamento dessas duas direções, antropologia e ontologia, que se situam meus trabalhos pessoais consagrados a uma fenomenologia da *sustentação* [portance], com e além de Merleau-Ponty. Prosseguindo a sua fenomenologia da percepção, mas tentando articulá-la melhor do que ele com o papel antropológicamente fundamental da palavra; aprofundando também suas intuições sobre o desejo e a fé perceptiva, ao mesmo tempo interrogando sua diferenciação e seus laços, algo que Merleau-Ponty não faz; investigando seus esclarecimentos sobre a relação fundadora de nossa carne com a materialidade dos elementos naturais, sobre a relação vital de nossa inteligência com o não-objetivável, com o que nos ultrapassa, com as ultra-coisas. Uma pesquisa com numerosos desafios éticos e clínicos, que os diversos públicos (filósofos e não filósofos) aos quais me dirijo me pressionam a desenvolver e publicar<sup>54</sup>. Mas na qual a dimensão ética, como em Merleau-Ponty, está fundamentada em uma ontologia, e segundo uma abordagem do ser que tenta assumir, melhor do que ele fez, suas dimensões mais negativas.

---

<sup>54</sup> Para algumas ideias sobre esta pesquisa, cf. por exemplo « Introduction à la notion de portance », in *Archives de philosophie*, tome 79, cahier 2, 2016, pp. 317-343, <http://www.cairn.info/revue-archives-de-philosophie-2016-2-page-317.htm> ; « Introdução à noção de sustentação », trad. Rafael Barbosa et Lucas Bloc, in *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, n° 1, v. 2, Toledo-Paraná-Brasil, 2017, pp. 346-378, <https://e-revista.unioeste.br/index.php/aoristo/article/view/18223/11929> ; « La chair ouverte à la portance de l'être », in *Alter*, n° 23, « Anthropologies philosophiques », 2015, pp. 168-185, <http://journals.openedition.org/alter/384> ; « Réflexions en vue d'une articulation entre portance et care », in *Pesanteur et portance. Une éthique de la gravité*, dir. Christine Leroy et Chiara Palermo, Paris, Hermann, 2022, pp. 13-36, <https://www.cairn.info/pesanteur-et-portance--9791037021687-page-13.htm> ; « Portances de la reconnaissance », in *doisPontos*, Curitiba, São Carlos (Brésil), « A Fenomenologia Francesa Atual », vol. 20, n° 1, 2023, pp. 188-197, <https://revistas.ufpr.br/doisPontos/article/view/86979/49870>.